

Considerações finais: uma conclusão inconclusa

Como se comporta, então, Schiller diante da essência do trágico? Qual é, finalmente, a visão de mundo escolhida por ele? Pela análise dos seus textos críticos, podemos reconhecer um viés que tende mais à situação trágica. Ele oferece, por meio da liberdade prefigurada por Kant, que é a verdadeira determinação do homem, a solução transcendente para o conflito trágico. Cindido entre a sensibilidade e a razão, o sujeito da tragédia schilleriana precisa encontrar a estrada que, a meio do caminho entre as duas naturezas, o conduza para a efetiva unidade, para o mais fundamental equilíbrio no seu ser. Mas, então, é possível inferir nos seus textos uma preocupação com a condição humana no trágico?

Não há, em Schiller, nenhum esforço crítico no sentido de buscar encarar a tragédia tal qual fariam os gregos. Ele não é um classicista aos moldes de Winckelmann, ele não idolatra a Antiguidade, ele não concorda que a atmosfera grega é a mais ideal ao bem viver e que é uma lástima imensurável que ela tenha ruído. O que Schiller aponta na Grécia Antiga é o equilíbrio do sujeito grego, a harmonia que salta aos olhos, a beleza plácida. Isso ele gostaria de ver reproduzido no sujeito moderno, que padece da fragmentação do seu ser, das agitações que o jogam de um lado para o outro e que nada acrescentam ao seu espírito.

Partindo desse pressuposto, Schiller, ao se voltar ao estudo da tragédia e tendo ela nascido no seio da civilização de Homero, não se dispõe a engendrar uma viagem que o conduza ao terreno grego para, de lá, questionar o trágico. Esse empreendimento ele o realiza na posição dele mesmo, com instrumentos fornecidos pela própria Modernidade, sob uma ótica fortemente influenciada pelas investigações iluministas, pela filosofia kantiana e pelas novas possibilidades do campo literário.

Assim, ele não tem meios de evocar uma situação trágica que fosse semelhante àquela prefigurada pelos gregos. Ele sequer tem como descobrir quais eram as reais motivações da condição trágica. Ainda assim, ele insere no campo do trágico uma discussão do campo filosófico. Schiller estabelece como premissa da

tragédia a vitória da liberdade humana. É como se ele forjasse uma essência para a tragédia, calcada no que está em voga na Modernidade.

Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que não há referência, no texto schilleriano, à efetiva situação trágica. Como se ele não conferisse legitimidade a ela e pudesse dispor de sua natureza a seu bel prazer. No entanto, tendo em vista que o substrato do trágico comporta uma visão de mundo, encontramos uma brecha para a sua flexibilização. Schiller se aproveita disso e, ao invés de forjar uma condição trágica, de fato a estabelece, em uma perspectiva que em tudo difere daquela pensada por nós como possível aos gregos. Aristóteles não consegue superar o texto trágico, mas sua análise dele é precisa a tal ponto que merece o comentário de Schiller.

Ele não pode, entretanto, ser inteiramente entendido ou estimado. Sua visão total da tragédia repousa em uma base empírica: ele tinha inúmeras tragédias representadas em mente, as quais não temos. Ele pensa a partir dessa experiência – carecemos em grande parte de toda a base de seu julgamento. Quase nunca ele começa pelo conceito, mas, ao contrário, sempre começa pelo fato da arte, do poeta e da performance. Se seus julgamentos são leis genuínas da arte em acordo com sua essência, temos um acidente afortunado pelo qual agradecer, a saber, que em tempo houve obras de arte as quais, através de sua plena existência, realizaram uma idéia ou apresentaram a totalidade do gênero em casos particulares. (Schiller, 1994, 189/190)

Schiller ultrapassa Aristóteles e se distancia da tradição clássica. Pode ser que ele não aborde a tragicidade com a mesma clareza e o mesmo destaque com que Schlegel e seus sucessores o fazem, mas isso não impede que ele vá além da escrita técnica, fria e objetiva realizada por Aristóteles. Se a questão é conceder, nos seus textos acerca da arte trágica, um espaço para discutir as condições que cercavam o sujeito trágico, Schiller o faz, sendo coerente com suas inquietações filosóficas e com os pontos que acha fundamentais à plena existência do homem.

Afirmei na introdução que essa dissertação era uma grande aventura pelos caminhos e descaminhos da estética, no que ela tem de comum à literatura. E eis-me, aqui, no ponto de chegada, que talvez nunca seja de fato chegada. Porque é difícil colocar um ponto final naquilo que ainda nos suscita tantas questões, naquilo que nos prova, a todo instante, ser ainda pleno de fecundidade. Vale lembrar que Schiller acumula as funções de filósofo, dramaturgo, poeta. E é na literatura que ele, declaradamente, se encontra. Dentro dessa perspectiva, pode ser muito interessante, a

partir de suas peças, questionar a aplicabilidade de suas teorias na prática do texto trágico. É importante saber de que modo ele insere no texto o embate entre razão e sensibilidade no interior do sujeito, como ele retrata o homem dilacerado pela falta de unidade, como ele justifica a própria tragédia por meio de uma situação trágica tão peculiar.

Essa tarefa não pude realizar neste trabalho. Precisaria de mais tempo para me dedicar, ao menos, as suas peças mais expressivas. Ademais, inserir aqui essa perspectiva de investigação tornaria essa dissertação muito grande e, talvez, cansativa. O que não significa que não é um projeto. Por isso essa é uma conclusão “ainda” inconclusa, porque se dedica à crítica de Schiller, mas não a sua, efetiva, aplicação de preceitos. É trabalho para uma vida toda. É investigação para levantar muitas questões, para gerar muitas controvérsias, para anular a certeza de uma chegada fixa e definitiva.

Ao longo dessas páginas, procurei descortinar as questões mais fundamentais acerca da tese de Schiller sobre a arte trágica. O que me propus, realizei. Mas a aventura continua. Deve continuar. Esse não é meu ponto de chegada. Daqui sigo para outros caminhos, para outras indagações.